

Reacendendo o Sentido de Compromisso e Lealdade no Ensino Superior Adventista

Tanto compromisso como lealdade são ingredientes essenciais para a manutenção do ensino superior adventista durante o próximo século. No entanto, em tempos recentes, ambos os elementos têm sido discutidos tanto pela liderança da igreja como pelos membros leigos. A liderança, preocupada com as complexidades de guiar uma igreja mundial, às vezes deixa de apreciar o desafio paralelo de patrocinar a educação superior. Semelhantemente, alguns membros leigos, tomando como base anedotas abusivas que circulam dentro do “telégrafo secreto adventista”, pensam que os intelectuais da igreja estão se desviando das crenças adventistas. Embora orgulhosos da base fundamental da educação superior adventista, muitos adventistas estão preocupados que a visão original tem se tornado indistinta (para dizê-lo de maneira suave).

Reacendendo a Visão

Num ambiente tão emaranhado, a comunicação falha, a confiança é corroída e o sentido de compromisso e lealdade são questionados. É hora de reacender a visão do ensino superior adventista.

De muitos modos, a preocupação com o suposto estado dos nossos colégios e universidades pode ser deduzida da natureza variável do adventismo. Os líderes atuais enfrentam desafios enormes em administrar uma igreja que se torna cada vez mais pluralista e diversa. Não se

pode presumir, como antigamente, que os adventistas exibirão uniformidade em dogma e em estilo de vida. De fato, o adventismo não pode pretender imunidade dos problemas complexos de outras entidades corporativas internacionais, a despeito do seu chamado celestial.

Razões para Ser Otimista

Mas existe esperança, mesmo em meio de aparente escuridão. Podemos encontrar muitas razões para sermos otimistas quanto ao futuro do ensino superior adventista. Tal otimismo tem três fontes:

1. *A vasta literatura sobre a conduta da liderança, administração e organização.* Mesmo um estudo superficial desta pesquisa revela “uma crise de espírito” dentro das organizações da década de 1990.¹ A ausência de apoio externo e confiança interna flagela muitas organizações. A obsessão com a fusão de empresas, o avanço rápido da nova tecnologia e a pressão intensificada das forças de mercados internacionais — são fatores que indivíduos e organizações precisam aprender a tolerar. Redução, a tormenta da década, é vista agora como vantajosa somente quando as organizações finalmente atingem “o tamanho certo”. Estas mudanças causam transtornos tremendos, ameaçando corporações estáveis com tomadas ou colapso. A tensão resultante sobre empregados e acionistas faz com que muitos se sintam traídos pela organização a ponto de perder a confiança nela.

A despeito desses problemas, o mundo corporativo tem demonstrado uma revitalização notável em anos recentes. A revista *Fortune* apresenta Wal-Mart, Levi-Strauss, 3M, Corning, Johnson & Johnson e Harley-Davidson entre as companhias mais admiradas² por causa de seu êxito em lidar com mudanças, manter relações positivas com os empregados, inovação e rentabilidade. Essas companhias efetuaram a mudança capital do modelo de organização hierárquica tradicional: mantiveram o respeito dos empregados mesmo durante o processo de redução. Uma nova terminologia como *parceria, trabalho de equipe e colaboração* tem sido adotada por organizações com essa filosofia. Emergiram como fraternidades revigoradas nas quais o controle deu lugar à dedicação e as pessoas “querem vir” ao trabalho em vez de “serem obrigadas a vir”. Em tais corporações, a direção e os empregados são encorajados a procurar e

abraçar mudanças. O ensino superior pode ser uma das últimas entidades a mover nesta direção; não obstante, a mudança está à vista. O ensino superior adventista tem a vantagem de que as estruturas organizacionais da igreja são pequenas e bastante simples para permitir uma transformação relativamente sem dor, embora dramática.

2. *Outra razão para ser otimista sobre o futuro do ensino superior adventista resulta do volume crescente de pesquisa sobre faculdades e universidades mantidas por igrejas,* que mostram numerosos exemplos de “flexibilidade” entre as instituições cristãs. Os Estados Unidos têm aproximadamente 3500 instituições de ensino superior, das quais cerca de 700 (ou 20 por cento) mantêm alguma ligação com uma denominação particular. A recente pesquisa de Morris-Olson mostra que as instituições cristãs são particularmente vulneráveis em nossa década, visto que a maioria delas são obscuras, possuem recursos limitados e obedecem uma missão restrita.³ Tais instituições carecem de fundos para desenvolver seu capital, enfrentam matrículas incertas e lutam pela redução de despesas em meio da exigência de maior tecnologia e outras necessidades. Poucas destas instituições podem viver dentro de seu orçamento e muitas enfrentam crises financeiras, ou bancarrota no futuro próximo.

As boas novas são que as faculdades e universidades mantidas por igrejas podem adaptar-se às pressões de mudanças no ambiente e obter sucesso. Em 1985, Hubbard identificou nas escolas prósperas embora relacionadas com igrejas as seguintes características⁴:

- Uma identidade clara e distintos alvos educacionais e missão;
- Ex-alunos leais que se manifestam;
- Compromisso religioso forte;
- Membros ativos no conselho diretivo;
- Liderança eficaz;
- Uma boa mensagem e meios eficientes para comunicá-la; e
- Apoio denominacional intenso.

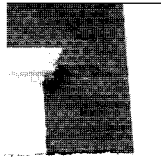
Morris-Olson concluiu que a flexibilidade das instituições mantidas por igrejas não pode ser atribuída a nenhuma estratégia única ou característica institucional. O mais importante é sustentar a longo prazo um enfoque abrangente e alvos bem definidos. Tais

instituições não devem concentrar-se exclusivamente em fazer cortes e conservar recursos. Sem uma estratégia de crescimento, podem contar com funcionários e alunos desmoralizados, bem como um apoio financeiro decrescente da parte dos membros.

As faculdades e universidades bem sucedidas, embora mantidas por igrejas, põem em prática o princípio descoberto por Peters e Waterman de que “a organização eficaz mantém-se próxima dos clientes”.⁵ Isto significa que os administradores de faculdades e universidades cristãs devem promover um ambiente onde as necessidades dos estudantes são satisfeitas, professores e funcionários sentem-se apoiados e apreciados e os membros da igreja podem se orgulhar de “sua” escola!

3. *A razão final para confiança no futuro do ensino superior adventista deriva exatamente dos pontos fortes e fracos destas escolas.* A Divisão Norte-Americana tem cerca de 14 instituições de ensino superior. Outras divisões têm bem menos; usualmente uma ou duas instituições ministrando valentemente às necessidades da igreja em circunstâncias diversas. Quer seja o Colégio Newbold na Inglaterra, o Colégio Missionário no Japão, o Colégio Helderberg na África do Sul, a Universidade de Montemorelos no México, a Universidade Adventista Antilhana em Porto Rico ou a Universidade Adventista do Rio da Prata na Argentina, estas e outras faculdades e universidades adventistas ilustram a impressionante diversidade do ensino superior adventista do sétimo dia ao redor do mundo. Contudo, a maior parte, senão todas, são dependentes de taxas escolares e de recursos da igreja, e não de doações e subsídios do governo.

Esta fraternidade frouxa das instituições de ensino adventistas tem sempre mantido a subcultura adventista homogênea. O fato de a igreja promover a tríade de lar, igreja e escola desde o berço até à idade adulta tem contribuído para manter a lealdade à igreja por toda a vida. Mas desde 1960, as influências prementes do pós-modernismo têm perturbado não só a sociedade como a igreja. As vantagens permanentes de freqüentar escolas adventistas não parecem ser apreciadas tanto como no passado. O sentimento de orgulho em nossas faculdades e universidades parece estar em falta. Com efeito, o hiato entre membros e graduados parece estar-se alargando. Seria surpreendente, então, que



a confiança e a comunicação deteriorem, e que a devoção e lealdade sofram?

Uma Torre de Marfim Indiferente

O ambiente acadêmico adventista é visto por muitos dos membros como uma torre de marfim: um tanto indiferente às preocupações dos crentes. Por outro lado, muitos professores pensam que bom número de membros da igreja são rigidamente inflexíveis e alheios às complexidades de oferecer um programa de qualidade pelo ensino superior adventista.

Conseqüentemente, não é de surpreender que ameaças internas fazem periclitar a viabilidade de nossas faculdades e universidades mais do que ameaças externas. A percepção é amiúde pior que a realidade, e meias-verdades podem facilmente degenerar em rumores maliciosos. Bem recordo quando chuvas constantes provocaram inundação no Colégio Avondale e diversas vacas do rebanho da escola escaparam do cercado. Um ex-aluno telefonou de Perth (a uns 4800 km de distância) ao ouvir que todo o rebanho tinha-se afogado! Outros rumores sobre acontecimentos em campi adventistas são bem menos gentis. Nós também facilmente rotulamos outros que discordam de nós, causando desconfiança e minando a lealdade e dedicação. É tempo de sustar os argumentos estéreis que dividem nossa lealdade e consomem nossa energia.

Ultimamente poucos líderes da igreja têm dito algo sobre seu apoio ao ensino superior adventista.

Contudo, o assunto começa a granjear alguma atenção.

Um documento recente da Associação Geral incitando à maior espiritualidade em todos os níveis do Adventismo foi apresentado ao Concílio Anual na Costa Rica em outubro último.⁶

No fim de janeiro, a liderança da Associação Geral

se reuniu com os presidentes de faculdades e universidades da Divisão Norte-Americana para discutir o assunto. Em 19 a 21 de março de 1997, 115 presidentes de faculdades e universidades, presidentes de mesas, e outras pessoas interessadas de todo o mundo reuniram-se em Loma Linda, Califórnia, para uma reunião de cúpula do ensino superior. É de se esperar que algo bom resulte dessas discussões. Embora maior espiritualidade nunca pode ser comandada de cima, a sobrevivência das instituições adventistas certamente depende do clima espiritual e da tenacidade com que elas aderem aos princípios do adventismo. Lembro-me do conselho acertado que um oficial de educação do governo deu-me há anos: "A menos que o ensino adventista possa demonstrar que é diferente do governo, não tem direito de existir." Palavras duras talvez, mas sem dúvida verdadeiras.

Nossa Maior Força

Talvez a maior força do ensino superior adventista se encontra em seu compromisso de compreender (e depois aplicar) o evangelho de Jesus Cristo. Estar associado com o Espírito Santo na obra de transformação de caracteres é um privilégio e responsabilidade tremendos. Isso revigora tanto o indivíduo como a instituição para prestarem maior serviço. Essa infusão de poder resolve as questões de devoção e lealdade, e cria um clima que promove saúde física e espiritual. Isso inspira professores e estudantes a fazer

um diferença num mundo que sofre.

Certamente, o adventismo precisa que suas faculdades e universidades sejam criativas em promover mudança e não meramente reativas. Para que isso ocorra, todos os funcionários da instituição precisam renovar sua dedicação à missão singular do ensino superior adventista e seu papel pessoal nesta missão. Agora não é tempo para atividade rotineira. Permanecer imóvel como organização que não visa lucro significa arriscar estar fora de combate no futuro próximo.

Assim, ao aproximar-se um novo século, o chamado (não a ordem) para o ensino superior adventista é para uma renovação humilde. Administradores, corpo docente, funcionários, mesa administrativa, líderes denominacionais, estudantes e membros da igreja todos têm o privilégio de renovar sua dedicação e lealdade a nossas faculdades e universidades.

Nossos estudantes são nossa igreja de amanhã. Nosso corpo docente tem o potencial de se tornar o maior agente de mudança para o evangelho. Para o ensino superior adventista o melhor ainda está no futuro. Imaginem as possibilidades! ﷻ

O Dr. Lyn Bartlett é vice-presidente para assuntos acadêmicos do Columbia Union College, Takoma Park, Maryland, E.U.A. Natural da Austrália, o Dr. Bartlett tem também sido vice-presidente para progresso institucional e serviços estudantis, diretor de curso secundário e administrador, e tem trabalhado na área de educação de adultos.

REFERÊNCIAS

1. Dennis T. Jaffe, Cynthia D. Scott e Glenn R. Tobe, *Rekindling Commitment* (San Francisco: Jossey-Bass, 1994).
2. Tricia Welsh, "Best and Worst Corporate Reputations", *Fortune* 129:3 (7 de fevereiro, 1994), págs. 58-69.
3. Melissa Morris-Olson, *Survival Strategies for Christian Colleges and Universities* (Washington, D.C.: The Coalition for Christian Colleges and Universities, 1996).
4. D. L. Hubbard, "The Seven Commandments: Hallmarks of the Successful Church-Related College", *Case Currents* (novembro/dezembro 1995), págs. 12-15.
5. Thomas J. Peters e Robert H. Waterman, *In Search of Excellence: Lessons From America's Best-Run Companies* (New York: Warner Books, 1982).
6. Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Total Commitment to God* (outubro 1996).